

DIÁLOGO INTER-RELIGIOSO

Há uma certa ambiguidade quando se fala em «**diálogo** inter-religioso» e «**encontro** inter-religioso». Na opinião pública, as expressões «**diálogo** inter-religioso» e «**encontro** inter-religioso» são equivalentes, e associam-se frequentemente a uma proposta de busca de consensos teológicos, tendo em vista uma vontade de unificação das religiões. Também se confundem com «diálogo ecuménico».

Diálogos inter-religiosos, ou *diálogo das religiões*, no sentido de exposições e debates entre teólogos de várias religiões para encontrar a unificação, não existem, e seriam infrutíferos. Mas pode haver, e há, *encontros inter-religiosos*, ou *encontros entre religiosos*, para defender interesses ou objectivos comuns. Vou primeiro explicar porque é que não pode haver *diálogos entre as religiões* para a unificação das mesmas e, depois, falar da possibilidade de haver *encontros inter-religiosos* para debater temas *não religiosos* de interesse comum.

Definição de
Religião

As religiões são sistemas de crenças ou dogmas e de práticas **obrigatórias e suficientes** para a Salvação (em vida ou pós-morte). Nas três religiões reveladas do Mediterrâneo, as religiões são a expressão da vontade de Deus ditada por emissários: 1) Quanto ao Judaísmo: pelos profetas do Antigo Testamento; 2) quanto ao cristianismo: pelo próprio Filho de Deus incarnado, Jesus Cristo; 3) quanto ao Islão: pelo Profeta Maomé, o último dos profetas enviados por Deus. **As três religiões assentam em dogmas irredutíveis**

Os textos sagrados são, para cada uma das três religiões reveladas, a **definitiva e imutável Palavra de Deus**.

Cada religião considera-se como uma revelação divina, perfeita e acabada, resultado da Palavra de Deus, a Verdade por excelência e eterna. E só pode haver uma Verdade, a sua. **Cada sistema teológico organiza-se numa construção coerente da Verdade divina.**

Isto não quer dizer que as religiões não possam ser tolerantes para com os desviantes ou os não-crentes.

Excluo, aqui, o Budismo que não é propriamente uma religião mas «vias» de perfeição (há várias variantes do budismo) e que podem ser praticadas simultaneamente com as várias religiões (uma pessoa pode ser simultaneamente budista e cristã).

Pressupostos
de um pretensão diálogo
teológico

Para que houvesse *diálogo inter-religioso* no sentido de debate de teologias, pressupor-se-ia que os dialogantes fossem teólogos, intérpretes fidedignos das doutrinas em discussão, e que um cedesse em favor do interlocutor e corrigisse a sua Verdade. Ora, isso contradiz a própria natureza da religião cuja Verdade está definitivamente revelada e declarada.

Digamos com toda a franqueza: **a proposta vinda dum teólogo acreditado ou do responsável duma instituição eclesiástica, para um diálogo religioso com os homólogos de outras religiões, a fim de se encontrar um patamar comum, um compromisso ou um consenso, essa proposta de diálogo é uma operação de proselitismo, de propaganda ou, então, uma provocação.**

Diálogo religioso entre
pessoas singulares

No entanto, há que distinguir, por um lado, as instituições teológicas que defendem e propagam uma ortodoxia de, por outro lado, as pessoas singulares que seguem essas religiões. Muitas pessoas religiosas, agnósticas ou ateias pensam que poderia haver diálogo e até **união entre as três religiões do Livro ou da Bíblia** (Judaísmo, Cristianismo, Islamismo) uma vez que têm origem no Patriarca Abraão, e que até se diz que «**Deus é o mesmo**» (o Deus das três religiões poderá ser o mesmo, se ele existir, mas o certo é que, de uma religião a outra, ele torna-se muito diferente)¹. As pessoas singulares podem reunir-se, confrontar as suas respectivas verdades, participar nos ofícios das outras e cooperar em acções religiosas, sem pôr em causa a ortodoxia da sua religião; são actos privados. As instituições guardiãs da teologia, essas, não se poderão pôr em confronto porque são detentoras da única Verdade.

As religiões são
exclusivistas

Todas as religiões ou teologias têm em comum o facto de serem exclusivistas. Só a sua concede a Salvação. Uma religião denuncia a outra, ora como «falsa» ou inventada pelos homens, ora como inútil para Salvação. Todas são concorrentes entre si. As três religiões do Ocidente (Judaísmo, Cristianismo e Islamismo) são até particularmente concorrentes porque procedem do mesmo texto, o Antigo Testamento, de que as três se apropriam quanto à promessa de messias (ou do ultimo profeta).

As teologias
são formas de poder

As religiões não são apenas sistemas teológicos. São também formas de poder institucional - poder do saber teológico, poder social, poder conferido pela cultura. Os detentores do poder religioso foram «vocacionados» para essa tarefa, predestinados e, para efeitos sociais, são profissionais desse saber. Ceder teologicamente é perder parte do seu poder, enquanto detentor do saber religioso. Depois, as religiões são largos continuados históricos que, ao longo dos milénios, foram engendrando as culturas ao ponto de religiões e culturas se confundirem.

Religiões do Mediterrâneo
irredutíveis

As religiões do Mediterrâneo partem de versões diferentes e contraditórias quanto à Palavra de Deus. O Judaísmo recusa, liminarmente, que Jesus possa ser Filho

¹ Sociologicamente, Deus é uma criação cultural e histórica. O conceito de Deus é muito diferente nas três religiões «abraâmicas». O do Judaísmo é criador, legislador e juiz vingativo («Eterno Deus das vinganças» que castiga os filhos e descendentes pela culpa dos antepassados); é tribal no sentido que só protege o seu povo. É legislador para as questões civis e dietéticas. O Deus dos cristãos é trino (em três pessoas, Pai, Filho, Espírito Santo sendo isto uma grande heresia para o Judaísmo e para o Islamismo). Jesus Cristo, Filho de Deus, definiu Deus como «Pai e amor», e um Deus universalista, individual e intercultural (sem pertença étnica, alheio às diferenças culturais dos «filhos»); não é segregacionista quanto ao género; não é legislador para as questões terrenas, civis, sociais ou dietéticas (o seu reino «não é deste mundo»), deixando a «César o que é de César e a Deus o que é de Deus»; o seu primeiro mandamento é o amor entre os humanos sem distinção de nenhuma ordem. O Deus do Islão, Deus uno, é semelhante ao do judaísmo, legislador absoluto para todas as questões civis, sociais e dietéticas, sem distinguir sociedade civil (Estado) de religião. É estratégia de guerra e juiz vingativo mas compassivo e misericordioso para os convertidos e submissos («Islão» significa paz, submissão, paz na submissão). É rigorosamente segregacionista quanto ao género e quanto a crentes e não crentes. Comunga da natureza dos deuses tribais na medida em que a língua de oração tem de ser exclusivamente a da tribo do Profeta, enquanto o local de culto privilegiado, Meca, foi o da naturalidade do Profeta e o da origem da tribo.

de Deus (base do cristianismo) ou que haja uma Palavra de Deus para além do último texto inspirado da Bíblia (Antigo Testamento). A Verdade judaica está unicamente na Tora e nos Profetas (do Antigo Testamento). O Corão que deriva, em parte, do Antigo Testamento, nega a própria base do cristianismo que é a divindade de Jesus, sujeitando à pena de morte os defensores desse princípio base do cristianismo.

Lembro um debate célebre, da Idade Média, em que o rei de Aragão convidou teólogos judeus e teólogos cristãos para discutirem em público as respectivas religiões - um diálogo inter-religioso. Os judeus argumentavam desta forma: «Vós, cristãos defendeis que o Antigo Testamento é Palavra de Deus, que Deus é a Verdade eterna, portanto, Deus não se contradiz. Então, como pode Deus ter prescrito ‘decretos eternos’, a Verdade eterna, e, depois, mandou o seu ‘filho’ para revogar a sua doutrina eterna?». Os inquisidores, perante a lógica irrefutável deste argumento teológico, só encontravam uma solução: o silenciamento definitivo, a exterminação dos judeus. Este diálogo medieval é típico dum diálogo de «surdos» que só serve para cada lado afirmar as suas convicções e encontrar novos argumentos.

Diálogo entre
confissões
de uma religião

Há que ter em conta que as religiões não são monolíticas. Dentro duma religião há diversas «confissões» ou Igrejas. Nas religiões cristãs: catolicismo, os vários protestantismos, a Igreja anglicana e as Igrejas ortodoxas (orientais e eslavas). No Judaísmo: o judaísmo sefardita e o judaísmo askenazi. No Islamismo: o sunismo, o chiismo e o ismaelismo.

Poderá haver, e tem havido, diálogo entre «confissões» dentro do cristianismo mas só sobre certas matérias secundárias que não tivessem sido objecto de dogmatização. Desde que uma confissão tenha prescrito certa posição doutrinal como dogma, a discussão torna-se impossível porque **o dogma é uma verdade indelével, irreformável**. Desde os meados do séc. XX, as diversas confissões cristãs têm tentado o ecumenismo. Mas os resultados ficam-se pelos gestos de cortesia, de respeito mútuo e de não-ataque teológico. O diálogo teológico com os católicos dificilmente tem algum resultado por causa do dogma da infalibilidade do papa de Roma declarado em 1870. Encontrar-se-ão poucos teólogos que aceitem discutir teologia ou filosofia com um líder infalível que, portanto, não pode mudar de direcção². O diálogo entre os vários protestantismos é comum.

Quanto ao diálogo entre Judaísmo e Islamismo - alguns autores consideram o Islamismo como uma variante ou uma continuidade do judaísmo – o diálogo também é impossível mas os judeus sempre viveram em boa harmonia com os meios islâmicos, sem grandes perseguições, até à criação do Estado de Israel

² Por outro lado, o catolicismo defende, dogmaticamente, que a salvação se adquire, exclusivamente, pela prática dos sete sacramentos (Baptismo, Crisma, Confissão, Comunhão, Extrema-unção, Ordem e Matrimónio). Doutrina dogmática irreformável. A partir daqui, um dogma diz que «fora da Igreja Católica não há salvação», porque ela é a única que têm o poder de ministrar esses sacramentos. Entre os protestantes o debate da Salvação pode estar sempre em aberto porque, segundo eles, para a Salvação basta a fé e o estado de boa consciência com os ensinamentos das sagradas escrituras. Portanto, dum lado e do outro, a Salvação é posta em condições inconciliáveis. O Concílio de Vaticano II amenizou este dogma com o seguinte princípio «Outras religiões podem conferir a Salvação mas por meios que só Deus conhece». Mas isso não é um dogma (porque contradiria o precedente) mas apenas um princípio para uso dos missionários. Há aqui uma certa contradição, mas o catolicismo conhece muitas dificuldades por causa da sua dogmática.

O diálogo entre as confissões do Judaísmo sefardita e askenazi é relativamente fácil.

Confissões dentro do
Islamismo

Quanto às confissões dentro do Islamismo, o Islamismo não é homogéneo. Há sunismo, chiismo e ismaelismo (para além de outras tendências numericamente menores, como os alauitas). Ora, entre o sunismo e o chiismo, nunca existiu diálogo, desde o princípio do Islão donde essas diferenças procedem. Os sunitas tomam os chiitas por inimigos ainda piores do que os cristãos. Entre chiitas e cristãos até houve diálogo no tempo das Cruzadas, em que cristãos e chiitas se uniram contra os sunitas. Vejamos as posições que impossibilitam o diálogo teológico entre chiitas e sunitas.

O chiismo obedece a um líder e a uma hierarquia de clérigos que têm total poder sobre os fiéis, como os católicos obedecem ao Papa e à Igreja (arriscando-se, ao contrário, a serem excomungados, privados da Salvação). O chiismo está centralizado no Imã Ayatolah supremo (*Ayatolah* significa «sinal de Deus»). É ele, e só ele, quem tem capacidades para interpretar o Corão cujas passagens tanto podem apelar à violência como à pacificação, recorrendo o Imã Ayatolah à interpretação simbólica ou alegórica e ao contexto literário. Na prática, o Ayatolah supremo dirige a religião segundo as conjunturas históricas, sociais e políticas. Nos conflitos religiosos, o muçulmano chiita, para agir, deve obediência ao Imã Ayatolah supremo. Não pode tomar iniciativas contrárias à sua direcção. A declaração de guerra santa é uma prerrogativa exclusiva do Imã Ayatolah supremo.

Vejamos o sunismo: no sunismo não há chefes, instituições ou hierarquias religiosas a quem os fiéis, para serem bons muçulmanos, devam obediência. O Corão e a Suna (as tradições do Profeta) são as únicas fontes a que o muçulmano sunita deve obediência. (O Corão e a Suna constituem a Chária, ou lei). Para cumprir a religião, todos devem aprender (e, frequentemente, saber inteiramente de cor) o Corão. Para o sunita, a interpretação do Corão é literal, um «pronto a usar», sem recursos simbólicos ou alegóricos, entendido versículo por versículo, sem contextualização literária, como se cada versículo fosse uma norma autónoma. Para defender o Islão, o muçulmano sunita pode agir individualmente, por sua iniciativa, sem chefe, e pode considerar-se um iluminado, o único na boa-via do Islão a quem Deus exige este ou aquele sacrifício. O sunismo enquadra-se numa perspectiva parecida com o anarquismo libertário europeu do séc. XIX. O sunita dirá: «Não preciso de chefes nem de teólogos. Só o Corão e eu». Note-se que os atentados terroristas que temos conhecido desde há anos, na Europa, no Magrebe, no Próximo Oriente, na Índia, no Paquistão e na Indonésia, foram todos perpetrados por sunitas. A Al Qaeda, os terroristas do Magreb (salafitas), de Israel, da Índia, do Paquistão e da Indonésia, são sunitas³.

Alguém que queira dialogar com o Islão sunita não terá ninguém que o represente oficialmente. Ou tem de dialogar com cada muçulmano sunita. Poderá encontrar apenas líderes locais, políticos ou académicos, mais ou menos influentes, mas que não gozam do direito de serem seguidos ou respeitados pelos crentes individuais.

Os líderes sunitas terão de usar da força para se fazerem respeitar. A antiga História do islão e a actual demonstram bem isso.

³ O partido Hezbolah (partido de Deus) que actua no Líbano, na Síria e na Palestina e que goza do apoio do Irão, é chiita. Mas os seus actos e ideologia violentos devem-se aos problemas decorrentes do Estado de Israel

De facto, chiitas e sunitas têm concepções opostas quanto à legitimidade do poder religioso e político. No chiismo, a legitimidade do poder religioso reside na hierarquia eclesiástica com o Imã Ayatolah supremo no topo. O *Ayatolah* supremo é o sucessor e representante, na terra, do XII Imã chiita, descendente de Fátima, filha do Profeta e de Ali marido de Fátima, que se ocultou em 940 (Imã Oculto ou Encoberto) o qual se desocultará no futuro como messias e salvador. Todo o poder religioso emana do Imã Ayatolah supremo.

Quanto ao sunismo: no sunismo, a legitimidade do poder político-religioso reside no próprio facto da manutenção do poder. O poder cabe a quem o conquistar e manter dentro do Islão. Praticamente, o detentor do poder adquire a legitimidade pelo facto de ser obedecido. Os muçulmanos sunitas que entenderem que o líder defrauda ou trai o islão, devem assumir a obrigação de o combater. A história do islão antiga e recente está repleta de atentados a chefes do Estado, alguns democraticamente eleitos, mas que, para alguns, são ilegítimos detentores do poder no islão, traidores ao islão. Basta meia dúzia de iluminados para provocar uma catástrofe.

No islão ismaelita, que é um ramo chiita, o poder religioso cabe exclusivamente ao Imã Aga-Khan, considerado como descendente em linha genealógica directa do VII Imã chiita, descendente do Profeta Mohamed, através de Fátima sua filha e de Ali marido de Fátima. O Imã Aga-Khan sempre foi tido como um líder de paz e de tolerância dentro da sua confissão e inter-religiosa.

Exemplo do Diálogo
Em Madrid

Voltando ao diálogo entre as religiões. Para estes dias, 16, 17 e 18 de Julho, organiza-se em Madrid um «Encontro de religiões e de culturas» a que alguns jornalistas chamam «Diálogo entre as religiões», convocado pelo rei da Arábia Saudita e foi ele quem organizou a lista dos convidados. As justificações deste líder, e que constam nas dezenas de mesas de discussão, são as seguintes, segundo o próprio rei da Arábia: «No mundo actual há fenómenos que desconsolam a gente sensata de todas as religiões em mais de um aspecto. A humanidade padece de desintegração da família, de decadência moral, contaminação do meio ambiente, guerras que comovem o coração dos intelectuais e que constituem uma forte preocupação na busca de soluções para salvar a humanidade das suas moléstias. Todos esperam que os líderes e seguidores das diferentes religiões e culturas encontrem soluções adequadas para salvar a humanidade dos perigos que comprometem o seu futuro»⁴. Mas os comentadores previnem que esta iniciativa é uma manobra para «limpar a imagem» do rei da Arábia Saudita - donde procede a Al Qaeda - e que mantém o regime mais segregacionista do mundo 1) quanto às mulheres (que não podem andar na rua sem serem acompanhadas do marido, pai, irmãos ou filhos, as adúlteras são mortas por apedrejamento), 2) quanto à sexualidade (os homossexuais são enforcados) e 3) quanto à liberdade religiosa (a Igreja católica não conta com nenhum templo no reino e o rei trata as minorias chiita e ismaelita de hereges; e estas não foram convidadas ao dito encontro de Madrid). Este encontro de Madrid segue-se a um Diálogo ou Conferência Islâmica Internacional celebrado em finais de Maio, em Meca. Porque é que o rei saudita não organizou este encontro ou diálogo no seu país? Porque, no seu país, islâmico sunita (de código waabita, particularmente severo), não pode haver debates livres sobre as religiões, como não há nenhum sinal de liberdade de culto, nenhum templo doutra religião. O Guardião das

⁴ Jornal *El Pais*, 14 de Julho de 2008.

Santas Mesquitas de Meca e Medina (é o seu título religioso), rei absoluto, veio ao estrangeiro para convidar a um diálogo entre religiões ou veio propor uma boa imagem da sua religião? Optou por Madrid para dourar a sua imagem, certo, mas também porque os fundamentalistas sunitas estão a reclamar a reconquista do Andalus. Este evento em Madrid é um exemplo característico de como os **teólogos ou líderes das religiões, quando convidam ao debate sobre as religiões, agem por proselitismo.**

Nestas propostas de diálogo entre as religiões, se não há vontade de proselitismo, há, pelo menos, a busca de um efeito de marketing, de uma «boa imagem» para a religião de quem partiu o convite (dialogante, aberta, acolhedora, etc.).

Intenções dos laicos
proponentes
ao diálogo

Quando são os laicos a convidar para o diálogo entre as religiões, reconhecemos que estes são animados de boa vontade, de civismo, de desejos de pacificação religiosa e de solidariedade humana. Mas também podem ser induzidos numa utopia, por **não terem em conta os dogmas, a irreversibilidade dos fundamentos teológicos, o exclusivismo da Verdade**, de que os líderes religiosos são os defensores (caso contrário, serão destronados ou ultrapassados por outros dentro da sua religião ou instituição teológica).

O Cardeal Patriarca de Lisboa, aquando dum recente encontro inter-religioso em Lisboa disse que «teremos de esperar ainda muito tempo para termos um diálogo inter-religioso», entre as religiões. Isto significa, diplomaticamente, que nenhum responsável duma religião ou Igreja se pode comprometer nesse diálogo. Todos os responsáveis religiosos honestos dirão o mesmo, diplomaticamente, dirigidos ao público em geral, sem confessarem expressamente a impossibilidade desses diálogos ou que estes seriam infrutíferos.

ENCONTROS INTER-RELIGIOSOS ou ENTRE RELIGIOSOS

Encontros entre religiosos são possíveis - mas, desde que não se discuta religião ou, pelo menos, **desde que não se fale daquilo que separa as religiões e que constitui as suas respectivas bases. O que há em comum entre as religiões é, teologicamente, insignificante e secundário - o conceito de sagrado e de divino, alguns tabus, importância dos ritos... O que as separa são abismos ou muralhas inultrapassáveis.**

Rezar
em comum

Os líderes judeus, cristãos e muçulmanos poderão encontrar-se para rezar. Mas cada um reza com fórmulas diferentes. Dificilmente rezarão uma fórmula oficial em comum. Ou terão de inventar uma fórmula de prece comum às três doutrinas (algumas orações corânicas e os salmos bíblicos seriam facilmente adoptáveis). **Mas não rezarão na mesma língua.** Para o muçulmano, a oração só tem valor pronunciada na língua árabe. Os cristãos poderão rezar em qualquer língua.

Espaço
de oração

Quanto ao espaço de oração tem de ser um espaço profano: os cristãos não impedem os muçulmanos de entrar livremente nos templos cristãos, sejam templos católicos ou protestantes, e de aí rezarem como quiserem. No entanto, segundo o islão,

os muçulmanos estão proibidos de entrar nos espaços sagrados das outras religiões. Esses muçulmanos, vistos a entrar aí, podem ser considerados pelos seus correligionários como apóstatas (e sujeitos à pena de morte, segundo a Chária). Mas os judeus e os cristãos são proibidos pelo Islão de entrar nas mesquitas para rezar. Se quiserem entrar numa mesquita para rezar terão de recitar, à entrada, a Declaração de Fé e, com isso, ficam convertidos ao islão.

Em Portugal, o santuário de Fátima tem sido frequentado por budistas, hindus, chiitas e ismaelitas. A história destes locais remete para um culto a Fátima, filha do Profeta, «Mãe do chiismo», mãe do XIIº Imã chiita, o Imã Oculto ou Encoberto, que se desocultará como Messias. Houve aí um culto a Fátima, no tempo dos mouros marroquinos conquistadores da Península que eram fatimidistas ou chiitas. Os símbolos católicos (imagens, etc.) aí existentes são incompatíveis com o chiismo e o ismaelismo mas, dada a largueza e a abertura do espaço para a serra envolvente, há possibilidades para o encontro diverso e para alguma variedade de práticas religiosas. O problema é que o próprio Vaticano já determinou expressamente que esse santuário não pode ser usado por outras religiões. É exclusivamente católico. Até deu à nova basílica o nome de Santíssima Trindade (o Deus dos cristãos é em três pessoas) para afastar todas as tendências não cristãs, sobretudo as islâmicas chiita e ismaelita. Quer dizer, a Igreja católica diz-se, continuamente, aberta ao diálogo mas afasta dos seus espaços os não católicos⁵.

Temas
do diálogo

O encontro de teólogos das três religiões mediterrânicas só será possível sobre temas não teológicos nem fundamentalmente religiosos - temas científicos, sociais, políticos, culturais e humanitários. Sendo assim, os «encontros inter-religiosos» não se diferenciam muito dos outros encontros cívicos, académicos ou políticos. Só parecem adquirir o cunho de «religioso» porque as elites religiosas, numa determinada época, se interessam também por esses temas, mundanos ou laicos, e que são comuns a toda a Humanidade. Todos os líderes religiosos podem debater os temas da Ecologia, da Economia ou da Assistência Social que são preocupações de muitas outras pessoas, laicas e ateias. Não é porque sejam temas teológicos ou religiosos. O consenso dos líderes religiosos gerado em torno desses temas mundanos não pressupõe nenhuma unidade religiosa. A Igreja de Roma e alguns líderes sunitas reuniram-se no Cairo para debater a defesa da família e o progresso demográfico, em que a Igreja se colocou ao lado dos muçulmanos para condenar a anti-concepção e defender a família numerosa. São temas sociais. Mas, para além da defesa da família em geral, da procriação e de algum humanismo sociológico comum, os católicos não podem ir mais longe com os islâmicos, porque os direitos religiosos e familiares respectivos são muito diferentes e até opostos (no islão: possibilidades de família poligâmica, repudição da esposa pelo marido, divórcio, subalternização da mulher ao marido...).

As autoridades de todas as religiões poderão encontrar-se para discutir a paz. Hoje, guerras religiosas, só existem com o islamismo. Mas, como vimos, os líderes muçulmanos sunitas não podem arrogar-se do direito de serem respeitados pelos outros muçulmanos porque não há uma direcção comum no sunismo. As suas posições sobre a paz passam por, simplesmente, individuais. O problema é que existe, no Corão, o

⁵ Com tanta tradição histórica de proibir e de reprimir as outras religiões, sendo o Estado português laico, também gostaríamos de saber o que poderia a Igreja católica fazer contra alguém que construísse uma mesquita nos arredores do santuário ou que se lembrasse de rezar no terreiro do santuário na língua árabe e voltado para Meca.

preceito da guerra santa, ou *ghihad*, muitas vezes referido no texto e que algumas correntes e muitos muçulmanos sunitas elevam ao lugar do *Sexto Pilar do Islão*⁶. Ora o texto sagrado é para ser cumprido, dirão esses. O termo corânico *ghihad* que, etimologicamente, significa «esforço», pode aplicar-se, no Corão, a guerra contra os não muçulmanos, em passagens do género: «Matai todos os infiéis que estejam à vossa volta» (Surate 9, versículo 5; os sunitas cumprem os versículos do Corão como normas autónomas, sem contextualização histórica ou literária). Portanto, a guerra também está legitimada pela religião de uma das partes. É muito interessante ver gente pacífica chegar a um consenso sobre a paz. O problema consiste nos belicosos que ficam de fora e que, por motivos teologicamente legítimos, não são obrigados a entrar nesses consensos de paz.

Possibilidade
de encontros
inter-religiosos
(entre religiosos)

As sociedades estão cada vez mais a laicizar-se e, simultaneamente, a procurar vias alternativas e individuais de espiritualidade levando ao descrédito dos dogmas, mesmo nas sociedades islâmicas onde a secularização avança sub-repticiamente (o Islão onde é aplicada a Chária é um sistema sócio-religioso e jurídico que se confunde com o Estado).

Nas sociedades ocidentais, desconhece-se, hoje, tanto a doutrina católica como a islâmica, e considera-se desejável o ideal, utópico, da unificação das religiões. A partir desse ideal utópico, e da individualização religiosa, são viáveis os encontros com religiosos de boa vontade para discutir temas humanitários e universais, como a paz, os direitos humanos e a erradicação da pobreza. Várias organizações cristãs no mundo, como a Comunidade de Santo Egídio, procedem a encontros inter-religiosos, tanto para rezarem no mesmo espaço como para discutirem assuntos humanitários. É notável a sua acção em favor da paz em várias regiões de África. Conta cerca de 300 comunidades espalhadas pelo mundo onde intervêm junto dos beligerantes ou conflituantes assim como em favor dos doentes da sida, refugiados, etc. Mas não promove diálogos teológicos. Organizou em Lisboa a manifestação «*Encontro inter-religioso - Oceanos de Paz*», em 24, 25 e 26 de Setembro de 2000. Note-se «*Encontro*» e não «*Diálogo*». Teve a participação das religiões mais seguidas no Ocidente. Lembro que os islâmicos sunitas participantes destas manifestações, por mais elevado que seja o seu prestígio religioso ou político, não representam o islão sunita. Só representam a si próprios ou as respectivas organizações cívicas, não religiosas. A sua presença não condiciona os outros muçulmanos. Diferentemente disto, a presença do Cardeal Patriarca de Lisboa, no mesmo encontro, representa todo o patriarcado de Lisboa e, até, se assim o estipular a Conferência Episcopal Portuguesa, toda a Igreja católica portuguesa.

Importa ainda dizer que o conceito de solidariedade social universal à qual alguns pensam poder dedicar estes Encontros Inter-religiosos, também tem condicionamentos de uma religião a outra. Entre os cristãos, a solidariedade social é um dever religioso fundamental, prioritário, instituído por Jesus Cristo, e sem olhar a raça, nacionalidade ou religião, universalista, globalizante, sendo prioritários os mais necessitados. Não é esse o critério do Islão. Segundo o Corão e a Suna, os muçulmanos

⁶ Os Cinco Pilares do Islão, a base em que este assenta, são: a Declaração de fé («Não há Deus para além de Allah e Mohamed é o seu enviado»), a Esmola obrigatória, *zakat*, (um imposto), Cinco orações diárias, Jejum do Ramadão e Ida a Meca uma vez na vida. Alguns meios muçulmanos acrescentam a Guerra Santa.

não estão obrigados a serem solidários para com os das outras religiões, crentes, ateus ou hereges, sendo apenas obrigados a sê-lo para com os muçulmanos.

Os Encontros de religiosos dos vários quadrantes promovem a tolerância e a cooperação entre os povos, e entre maiorias e minorias religiosas, tendo o efeito das relações públicas e de boa vontade, alheias aos Estados vistos como beligerantes ou repressivos. Estes Encontros podem servir de correctivo da acção desses Estados beligerantes. Produzem um forte impacto mediático e, dada a secularização e a medíocre formação religiosa das massas - que, neste caso, é positiva - levam a resultados a curto prazo e desmobilizam as tendências religiosas fundamentalistas e obscurantistas. **Mas podem ser usados para o proselitismo e para realçar a bondade ou maldade de uma ou outra religião ou Igreja.**

A ambiguidade de que falei no princípio (confusão entre diálogos inter-religiosos, diálogos teológicos, e encontros entre religiosos), resultante da ignorância da opinião pública que pensa poder haver diálogos entre as religiões, é neste caso benéfica porque conduz à tolerância religiosa e à cooperação entre indivíduos de religiões diferentes.

O Diálogo inter-religioso como plataforma de entendimento comum no Mediterrâneo, não podendo ser promovido pelas instituições teológicas, tem muitas possibilidades de o ser pelas organizações sociais e pelos indivíduos, à margem das ortodoxias. Nós vemos cada vez mais pessoas a assumir a fraternidade humana a partir da fé no Deus revelado ao Patriarca Abraão e aos Profetas. Ora, isto está em conformidade com as tendências modernas de busca de novas espiritualidades em detrimento das ortodoxias tradicionais. Estas tendências de emancipação espiritual estão em visível progresso nos meios do cristianismo. São tendência de futuro.

No entanto, o fundamental, é que se exija dos Estados a liberdade religiosa e o tratamento jurídico equitativo das religiões e confissões, por mais minoritárias que sejam. **A igualdade e a liberdade religiosas é que devem ser a primeira plataforma de entendimento comum, para a fraternidade entre os povos.** Mas, estes princípios de liberdade e igualdade devem ser apanágio dos Estados das duas margens do Mediterrâneo, o que ainda não acontece.

Moisés Espírito Santo
Prof. Catedrático de Sociologia das Religiões